

"Bastam Dois Para Dançar Um Bom Bolero"

"Roberto Bordim"



Direção: Gil P. Mello
Atores: Francisco Ribeiro
Julio Hiroshi Yoshima
Janito do Nascimento
Antonio José França
Som: João Francisco Mello



PERSONAGENS:

- JOÃO DA SILVA
- INFEREIRÃO (m)
- GUARDA (m)
- JUIZ (m)
- PRESIDENTE (m)
- BARQUEIRO (m)
- DANILÃO (m)

(m) devem ser interpretados por um ator apenas.

ACTO I

Secretária de uma empresa. Sala de presidência. O presidente chega
se em papéis atarefado. Um rapaz entra de mansinho, fica olhando.
O presidente desvia a atenção dos papéis e encara o rapaz.

Presidente: Quem é você? O que você quer aqui?

Rapaz: Nada. Eu estava só pensando.

Presidente: Então, continue pensando. Temos muita coisa.

Rapaz: Desculpe, senhor. É que eu trabalho aqui, na contabilidade.
Eu vi a sua mesa. Eu sempre quis conhecer a secretária do
presidente.

Presidente: Agora que já conhece, pode ir embora.

Rapaz: Sim. É que...

Presidente: Sem mais nada, retire-se.

Rapaz: Senhor, poderia me dar dois minutos?

Presidente: Não posso. Eu dirijo esta empresa. Dois minutos estão
contados e tomados. Se eu parar dois minutos para fa-
lar com você, a empresa parará por dois minutos. Isso
não pode acontecer. Portanto, não.

Rapaz: Por favor, eu serei rápido.

Presidente: Muito bem, mas-lhe vinte segundos, não se perca os
detalhes. Contar.

Rapaz: O problema é que...

Presidente: Cinco segundos.

Rapaz: Eu vim até aqui...

Presidente: Dez segundos.

Rapaz: Para pedir um...

Presidente: Quinze segundos.

Rapaz: Momento...

Presidente: O quê? Você vem aqui, interrompe minhas decisões, se
pedir momento? Você não conhece a sistemática da my
um?

Rapaz: Sim.

Presidente: Pois então? Se você quer momento, primeiro deve des-
tinar serviço.

Rapaz: Isso eu entendo, sim senhor.

Presidente: Certo. Você deve ser auxiliar?

Rapaz: Sim. E na contabilidade.

Presidente: Então, fale com o chefe da sua sub-secção. Se ele não
poder resolver, ele falará com o encarregado da sua
seção e se o encarregado da seção não poder resolver, falar
com o chefe do departamento. Se o chefe do departa-
mento não poder resolver, ele falará com o assistente
gerente. Se o assistente do gerente não poder resol-
ver, ele falará com o gerente. Se o gerente não poder re-
solvê-lo, falará com o coordenador do departamento. Se o
coordenador do departamento não poder resolver, ele
falará com o diretor administrativo. Se o diretor

administrativas não poder resolver, ele falarei comigo. E aí fique certo, eu resolvo... Mas problema de momento, se resolver com o encorajamento da sub-seção, nem preciso subir, ele tem autoridade para isso. Por que você não fala primeiro com ele?

Raposo: É é o que eu venho fazendo. Mas ele tá sempre se desculpando. Assim, eu vejo, assim eu vejo. Isto não fazer nada agora e está agora, nada!

Presidente: É, mas eu também não posso resolver nada, tenho de falar com o encorajamento da seção. Agora, retire-se...

Raposo: Tá bom, tem noite, senhor.

Presidente: Boa noite... Raposo, não vá embora, não...

Raposo: Sim.

Presidente: É que eu estou na lembrança. Foi há muito tempo. Há vinte anos. E foi... só que eu não era um auxiliar. Era mesmo ainda. Fazendeiro, eu não passava de um fazendeiro. Eu também entrei na sala do presidente, como você entrou. De pouco diferente, pois eu queria ligar o mala dele para poder ir embora. Era quase meia noite, eu tinha pressa, e o ilustre trem não é meia noite. Eu entrei na sala, e perguntei se ele ficaria muito tempo ali, eu precisava ir embora, o ilustre trem, assim como eu dei uma bronca em você por me interromper, ele também briga comigo. Eu continuei firme ali, como você, e continuei conversando e ele me fez um teste. Você se parece muito comigo, vamos repetir aquela noite. Nostalgia, vamos ativar de nostalgia? De você passar no teste, prometo uma promoção. Quem não se lembra mais assistente. Tá lá na decoração e vista o uniforme de fazendeiro e volte para cá.

Raposo: Mas é que vou falar, eu não sei...

Presidente: Mas se pressuro, eu farei as perguntas e você responderá. Nada de muito difícil. Tá, rápido, coloque o uniforme de fazendeiro. (o raposo sai depressa, e presidente grita) e não se esqueça de esquecer. Para, seria um sinal? Seria ele meu substituto? Eu estou querendo um apresentador. De ele passar no teste, posso promovê-lo. Eu não confio nos homens mais ligados a mim. Não auxiliarei diretos não tendo uma ligação com vergonhas. É a oportunidade! Pode ser que a história se repita. Por que não? (volta e vê-lo, para diante dele). Ah! Sim, tá... que começar a nossa encenação. Quer dizer que você é fazendeiro?

Raposo: Sim, senhor.

Presidente: Dêe que você cheira mal? Todo fazendeiro cheira mal, cheira de vento, de poeira. Você é carregado à espreita no corpo, não sabia tomar banho e mais banho, é cheiro já está gravado no seu corpo. Você vai sempre cheirar mal. E você não se sente cheirando em cheirar mal diante do presidente? Você não se cheirava em cheirar que ofende as narinas do presidente?

Raposo: Sim, fico muito cheirando.

1
Presidente: E você não se chateia mais em saber que sempre será
fascista, e sempre cheirará mal?

Nepes: Sim, senhor.

Presidente: Você gostaria de outro emprego, um melhor do que
limpar a sujeira?

Nepes: Sim, gostaria, mas o senhor sabe, eu não tenho instrução.

Presidente: Não importa, você gostaria, não é mesmo? Gostaria
de ficar no seu lugar?

Nepes: Não, ser importante, ser dono da firma, né?

Presidente: É, ser o dono da empresa.

Nepes: Gostaria muito.

Presidente: Então, vamos lá, sente-se nesta cadeira, na cadeira
do presidente, na minha cadeira.

Nepes: Mas é que vou sujá-la, vai ficar cheirando.

Presidente: Não ligue pra isso, depois eu mando desinfetar. (A
rapaz senta-se) Que tal?

Nepes: Bom, muito bom. Lá uma sensação gostosa...

Presidente: Você gosta né? Quem sabe você pode ocupar o meu
lugar, até definitivamente. Quem sabe? Você quer?

Nepes: Querer é gente quer. Mas...

Presidente: Mas não, vamos fazer um teste. Se você passar, pro-
meto-lhe um cargo que rapidamente o fará chegar até
a presidência. Dependerei de você.

Nepes: Tentarei fazer o melhor...

Presidente: Muito bom, primeiro teste. Você é realmente bom na
sua profissão. Você é rápido?

Nepes: Sim sim, senhor.

Presidente: É o que vamos ver (pega um mapa de papéis, começa a
escrevê-los na forma de bolas e joga no chão). Vamos,
vê limpando, ainda não pode ficar suja (a rapaz
vai pegando, o presidente joga mais rápido os papéis).
Vamos, vamos. Já é rápido. Limpe tudo, não deixe
um papel no chão, rápido, não pare. Não pode parar
(ela joga mais papéis, a rapaz já mostra sinais de
cansaço). Está bom, passou pelo primeiro teste. Vamos
para o seguinte. Você é metódico?

Nepes: Sim, senhor.

Presidente: Metódico, se ponto de limpar o chão perto da su-
jeira?

Nepes: Sim, senhor.

Presidente: Então, vamos ver (coloca o chão no chão e coloca as
bolas nas esquinas). Procure com cuidado, (a rapaz
olha pelo chão, a cara encolada no chão). Vamos, pra
cima. Ainda não encontrou?

Nepes: Está difícil. É muito pequeno, esse tapete confuso.

Presidente: Não desista, você tem que achar. Não pode desistir.
Vamos, não vai passar no teste, assim. Vamos achar!

Nepes: Não consigo, não consigo...

Presidente: Está desistindo muito, procure. O tempo está se esgo-
tando.

Nepes: Ah! Achei! Achei! Achei!

Presidente: Excelente, excelente, magnífico... Agora o terceiro teste. A comissão se superior. Mas não se você sabe, mas a banca não submissa de uma empresa é o contador. Geralmente, de idade avançada, agarrado ao emprego, pois se perder o que tem, nunca mais irá encontrar outra colocação. Ele é o maior verme de uma empresa. Sempre de cabeça baixa, sempre submisso, aceita tudo. Trema de medo, quando o chegam na diretoria, ao iniciar o seu dia de trabalho, ele está sempre pensando, esta será o último dia de trabalho, eles vão se despedir, vou ser mandado embora. Assim é o contador. E você será um agora, pois todos tem que apresentar sinais de submissão, simulada, é claro, mas tem que contrair (pansa). Está pronto para o teste?

Deput: Sim, senhor.

Presidente: Muito bem. (pansa) Sr. Carvalho, quer dizer que o senhor não consegue achar a diferença de um centavo no balanço?

Deput: Pois não, senhor. Mas eu vou achar, játo que vou.

Presidente: Não, senhor Carvalho, o senhor diz que vai achar, mas até agora nada! O balanço teria que estar pronto há uma semana. O senhor está prejudicando a empresa está com muito prejuízo, milhões de prejuízo!

Deput: Por favor, desconte os prejuízos no seu salário, eu tem que pagar.

Presidente: Não seja idiota, você teria que trabalhar durante 100 anos para pagar estes prejuízos. O seu salário é ridículo.

Deput: Mas eu acharei a diferença.

Presidente: Tem que achar. Darei um prazo.

Deput: Eu cumprarei este prazo.

Presidente: 14 horas. Se não achar essa diferença de um centavo em 14 horas, você será despedido.

Deput: Não, por favor, não!

Presidente: E por justa causa, tem também direito. Mas apenas dezoito. Nenhuma indenização. Não terá nenhum direito.

Deput: Não, não vou sair de casa!

Presidente: Sim, assim será feito. Mas se você que castigá-lo por não achar o erro, você está atropelando a empresa.

Deput: Tudo eu fazer o que quiser. Mas não se mande embora.

Presidente: Não, não vou mandar embora. Vou lhe diminuir o salário, de 10%.

Deput: O senhor acha que é suficiente?

Presidente: Não, vou te diminuir de 10%.

Deput: Sim, eu tiro as crianças da escola. Irá que aprender? Não precisa disso, não ficar burro. Não não gostas o salário.

Presidente: Não, vou diminuir de 10%.

Deput: Melhor ainda, doutor. Vou reduzir a TV, o rádio, cortarei todas as despesas de diversões.

Presidentes: Não, acho que ainda é pouco. Quem sabe, 100?
Rapaz: Certo, a família só almeçará. Não (lamentoso mais). Por que
parar? Lá para ficarem mais gordos? Isso, 100.

Presidentes: Ainda não estou satisfeito. Agora vamos arredondar
isso, 100.

Rapaz: Ótimo, eu não de casa, vou para um barbaço. O alaguel en-
trá no conto.

Presidentes: Certo, 100. E você tem que se agradecer, por não
passá-lo embora.

Rapaz: Não, não fale mais. Eu agradeço, doutor. Eu soupe...
(aproximando-se do presidente, beija-lhe a mão) O se-
nhor é um santo. Obrigada.

Presidentes: Não se beije as mãos. Não quero isso. Beije meus ca-
pitos (o rapaz beija). Não, ainda não cupitos (ele
lança). Assim, quero ver estes cupitos nos bustos
com a sua língua. Isso, isso...

Rapaz: Obrigada, doutor.

Presidentes: Chega, que rapaz. Você passou por este teste. Agora,
e aí o último. O teste da coragem, onde você mostre-
rá que para atingir sua meta, você não cede nada, vai
em frente, toma qualquer parada. Está pronto para o
último teste?

Rapaz: Sim.

Presidentes: De rapaz, você vai fazer algo que não imagina, não
acha possível de fazer. Você vai se provar.

Rapaz: O quê? Não estou entendendo.

Presidentes: Eu fui claro. Você será o meu cacho, o meu boneco. Vo-
cê vai se comer.

Rapaz: Mas, eu não posso. É impossível.

Presidentes: Como é impossível. Por parte do teste, tendo final-
mente, não passará no teste e continuará sendo um sím-
ples auxiliar.

Rapaz: Mas eu não quero fazer isso. O teste poderia ser diferente?

Presidentes: É assim mesmo. Tem que ser assim. Assim foi assim.
Por que teria que ser diferente?

Rapaz: Eu não quero.

Presidentes: Por que não quer? Porque sou um boneco, um senhor hon-
rado. Isso de uma expressão de parte. Um industrial.

Rapaz: Não, não é isso.

Presidentes: Então, o que é? É aquele que vai para a cama, e paga
aquelas terríveis putas, prostitutas, coisas de ma-
chão pelo corpo, roupas, fadigas, com coisas terri-
veis. E você ainda acha que não tentou e gostou.

Rapaz: Não, não é isso.

Presidentes: Não? Então algo porque está se recusando.

Rapaz: Não, não, senhor. Eu a respeito, mas! E não teria coragem
para... para... dormir, para meter com o senhor.

Presidentes: Então, está recusando. E despedido. De-me todos os
seus documentos, todos, todos (o rapaz tira os do-
cumentos do bolso e entrega ao presidente, que pega
um por um).

Rapaz: Não faço isso, senhor, não!

Presidente: Sim, você não trabalha mais aqui. Você não tem mais identidade, Lê da Silva. Você pagou coisinha, Jurema e perdeu. O contrato é este. Você não é mais nada. Está aqui, numa da minha frente. Você se perdeu a oportunidade de sua vida. Já entendeu, covarde. Os covardes não tem sua própria empresa, na minha empresa, na Indústria de Biológicas Alianças (ela temia pagar as documentações necessárias, e presidente lhe alerta). Tire as mãos daí, cara feroz, Lê da Silva, vá lá daqui.

Jurema: Por quê isso? Por quê?

Presidente: Pela sua covardia de enfrentar o mundo. Você não serve para o mundo, Lê da Silva. Não merece participar. Você não existe, Lê da Silva, você é apenas um animalinho, aqui e ali. Mas não tem coragem. Já entendeu, covarde. Já juntar-se ao bando de covardes que espantam o mundo. O seu mundo. O mundo. dos covardes. Já entendeu?

(fim da 1a. cena)

ACTO II - OSA PRAGA

Rapaz: Pobre. Ele quis se comprar. Eu não podia aceitar. Eu não posso aceitar ser comprado como escravos. Eu não sou igual a ele... Deuses e agora estou jogado ao mundo, sem dinheiro, sem documento, sem vontade de ir por casa. Eu podia ir, me jogar nos braços de minha mãe e chorar toda a desespero. Mas, tenho medo que ela se enoje, que eu fui trouxa, que joguei pela janela a oportunidade de ver a minha vida. Eu tenho medo, muito medo.

(entra um guarda)

Guarda: Tá falando sozinho, rapaz. Tá louco e infringindo a lei. Rapaz: Não? Que lei?

Guarda: Quer dizer que o diabo, além de louco, é cego, além a tabuleta (acosta). Sabe ler, ou também é analfabeto? Tá nas regras: É proibido pisar na grama. Sabe o que é isso? Você não deve saber, você está pisando. Como também, não deve saber que a multa pelo não cumprimento da Lei é 3 coroneas. Vou levar a multa e o pagamento vai ser 3 coroneas (puxa um talão de bolso e começa a escrever).

Rapaz: Mas eu não tenho dinheiro. Não tenho 3 coroneas.

Guarda: Como não tem 3 coroneas? Você não trabalha?

Rapaz: Não. Tô desempregado.

Guarda: Já? Então é ruim?

Rapaz: Não, eu estou desesperado. De dinheiro agora não.

Guarda: Onde é carteira? Contra a carteira de trabalho.

Rapaz: Não tenho, o patrão, o presidente da empresa esqueceu.

Guarda: O quê? E você sabe que eu vou creditar isso? Alguém trouxe uma carteira de trabalho? E você não tem outros documentos?

Rapaz: Não, ele esqueceu todos.

Guarda: Essa história é incrível. Você tá querendo que eu acredite nessa história?

Rapaz: Eu não quero, seu guarda. É melhor que eu acreditar.

Responda a minha carteira, todos os seus documentos.

Guarda: Como é seu nome? Você se lembra do número de sua identificação?

Rapaz: Não, não lembro do número. Só sei seu nome. José da Silva Filho.

Guarda: Não podia ter um nome como você? Então o senhor de José da Silva Filho nessa terra. Quem trouxe seu dinheiro e seu nome, só mais de tanto. Você está perdido. Não tem documentos, não trabalha e pisou na grama. A multa já vai lá os 3 coroneas. A multa na grama eu posso perdoar, agora quanto ao fato de não ter carteira e documento. Vou ter que te levar ao juiz. Você deve ir consigo para a da família.

Repeti: Da seja, estou preso.

Guardas: Então, vou te revistar. Tinha as mãos na cabeça (revistando). Não tem nada mais que o contrabando. Não que tá achando, que você é um hippie. Deixa eu não quer te revistar, e é violado (chega e revist) e você tá com coisa na sacola. Você é violado?

Repeti: Que é isso? Não sou não, nunca coloquei um cigarro sequer na boca. Não fumo.

Guardas: (vendo as coisas) E essas coisas de comida na bolsa. O que é isso? Vai dizer que é violado?

Repeti: Não, é que eu de vez em quando, dá um sangue para se gastar nas transações.

Guardas: Tá daí, portanto, tá pensando que eu sou bobo? Que eu não sou fácil de enganar. Você é violado, sim, de pois a sacola. E beliches também, não? (para ver suas coisas) (verifica as coisas de repeti). Olha aí, não tá falando? Olha de quem tem beliches.

Repeti: É que eu não fumo. Eu tô com uma ideia antes. Não digo, não, tá preciso dormir. Isso das coisas passa.

Guardas: Então aqui, é aquele. Tá pensando no quê? Será que você é tão insatisfeito que, pensa que eu vou sair tranqui-lizando você? Tá enganado, colega? Tá muito enganado.

Repeti: Eu não sou nada disso.

Guardas: Tem catenando, não engana. Deixa que eu te vi, já táva denunciando de você. Você tem cara de puta machada pela justiça. Você já estava preso?

Repeti: Não, eu nunca fui preso. Não que não...

Guardas: Não vai ser agora.

Repeti: Por quê? Por quê? Eu táva aqui sentado na grama, pensando, não tá incomodando ninguém.

Guardas: Olha, cara. Pensa que não sei, você, hippie?

Repeti: Eu não sou (gritando).

Guardas: (dá-lhe um tapa) Não grita comigo, cara, se respeito, seu hippie bicho, se respeito.

Repeti: (suplicante) Eu não sou hippie!

Guardas: É, eu sei que você é, não precisa receder. E conhece você muito bem, você não respeita a lei, você não contra a sociedade, contra o trabalho e contra a Con-stituição. Você não contra nada.

Repeti: Eu não sou.

Guardas: (dá-lhe outro tapa) É sim e vai comigo, eu vou te enfiar numa prisão. Você vai pra cadeia (dá-lhe tapas en-guidos) eu não gosto de hippies. Os hippies são todos como filhos de puta, são miseráveis filhos de puta, va-gabundos e desordeiros. Lugar de hippie é na cadeia e é pra lá que você vai.

Repeti: Não, pelo amor de sua mãe.

Guardas: (gritando e revist as coisas, chega) Ah! Filho de puta. Não que tinha sido hippie. Você não pode falar de mãe, vó, eu não sou mãe, você é filho de puta. Vai pra cadeia de puta, vamos, vagabundo!

Repeti: Por favor, deixa eu explicar...

Guarda: Não não tem nada que explicar pra mim, tem que explicar para o juiz.

Supa: Não, eu explico.

Guarda: Tá, explique rápido. Mas te aviso que não vai adiantar.

Supa: Olha, antes é noite, eu tava saindo da fábrica, passei p/ la sala do presidente da Empresa. Aí resolvi entrar, e ele disse que eu tinha feito igual a ele há 10, 40 anos, sei lá, não lembro certo. Aí ele disse que eu vestisse um macacão como ele vestia e disse que queria brincar contigo. Aí, vesti o macacão e ele me obrigou a limpar o chão, e ele falou, queria mais eu limpava, ele pegava com papel, ainda e ele molava do mar. Me fez limpar e depois com a língua. Aí, ele começou a brincar com faculeira e quis brincar de contador, então ele me ameaçou de despedir, porque não achava um motivo de diferença no balanço. Aí, depois, ele me disse, não, não é isso. Ah! lembrei, ele me fez apertar, eu era o contador, sabe! Aí, apertei e ele me abraçou. Depois eu disse de não, como um óculo. Depois queria que eu o empasse. E queria dar a banda pra mim, sabe! Eu não quis, então, ele ficou muito bravo, me pediu todas as documentações e quisera, disse que eu estava despedido e eu falei, falei, falei e não nada. Disse que não queria se ver mais, e foi isso.

Guarda: (apertando pelas catenas) Tá pensando o que, seu vadio? Tá pensando o que, seu merda? Tá pensando que eu sou seu filho, é? Fala, catro, fala, tira a boca, que eu te sufoco uma bola com a boca fechada. Terá que você conta que eu te corrigir nesta história? Eu não sou troco. Mas agora você vai falar uma coisa, como era o nome da empresa?

Supa: Aliança Indústria de Belêgion S.A. E foi o presidente.

Guarda: (lançando no chão) Eu vou apertando, não pra confirmar aquilo que você fala, pois eu quero te estragar na prisão. Você vai falar no celular, filho da puta. Vai se foder, lá dentro, Aliança Indústria de Belêgion S.A.. o presidente queria te dar o só, não? Vamos confirmar a história. Eu far verdade, se o presidente confirmar, tudo bem. Mas não, se ele não confirmar, é difamação. Você difama o presidente de uma empresa, que industrial. E isso, cateludo, é muita mais catela, você vai apertar na catela.

Supa: Não, eu só pisoi na grama.

(apaga-se a luz)

VOL: É que? José da Silva Filho? Não, não contage! E podem vir, ficar como foi funcionário de minha empresa, é que? Como? Não entende? Eu queria manter relações sociais com ele? Eu preciso esse cara, Secretário chama esse advogado, vou apertar com esse sujeitoinho, é império, é ciência, é difamação.